

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO: O QUE (NÃO) SABEM NOSSOS PROFESSORES?

LINGUISTIC VARIATION AND LINGUISTIC DISCRIMINATION: WHAT DO (AND WHAT DON'T) OUR TEACHERS KNOW?

Adriano Oliveira Santos
IFRJ

Angela Marina Bravin dos Santos
UFRRJ

Resumo: Este artigo reflete sobre crenças e atitudes de professores do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), do campus de São Gonçalo, reveladas por um questionário em forma de questionário, adaptado de Labov (2008 [1972] e Lambert (1967). A pesquisa justifica-se em função dos conflitos linguísticos observados nesse campus. Parte-se da hipótese de que a ausência de reflexão sobre variação e comportamentos linguísticos em cursos fora da área de Letras favorece atitudes discriminatórias. Articulam-se, ainda, conceitos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG (2006 [1968]) com os de crenças e atitudes linguísticas. Os resultados mostraram que há um percentual considerável de docentes, no âmbito da educação básica e da formação de profissional de nível médio, que, pela amostragem, ainda desconhecem alguns aspectos relativos ao fenômeno da variação. Esse desconhecimento pode corroborar práticas sociais em torno da língua que reforçam preconceito e, conseqüentemente, distanciamento entre professores e alunos, impactando a interação entre esses indivíduos.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas; Professores; Variação.

Abstract: *This article reflects on the beliefs and attitudes of teachers at the Federal Instituto do Rio de Janeiro (IFRJ), on the campus São Gonçalo, revealed by a test in the form of a questionnaire, adapted from Labov (2008 [1972] and Lambert (1967). It is justified due to the linguistic conflicts observed on this campus. It is hypothesized that the absence of reflection on linguistic variation and behavior in courses outside the area of Literature favors discriminatory attitudes. Also articulated are concepts of Variationist Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV and HERZOG (2006 [1968]) with those of linguistic beliefs and attitudes. The results showed that there is a considerable percentage of teachers, within the scope of high school professionals, who, by sampling, still are unaware of some aspects related to the phenomenon of variation. This lack of knowledge may corroborate social practices around the language that reinforce the concept and, consequently, distance between teachers and students, impacting the interaction between these individuals*

Keywords: *Linguistic beliefs and attitudes; Teachers; Variation.*

1 - INTRODUÇÃO

Em algumas apresentações de eventos da área de Letras ocorridos no período de pandemia, em 2020, foram frequentes observações de participantes ouvintes sobre a ausência de estudos que tratem de variação linguística e comportamento social. Os palestrantes argumentaram que essa ausência não existe, já que há muitas pesquisas com base na Sociolinguística Variacionista e Educacional, nos moldes de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Bortoni-Ricardo (2004), respectivamente, em diferentes universidades brasileiras, além de investigações sob outras perspectivas teóricas.

Se, por um lado, esse argumento mostra-se plausível, caso levemos em conta a referida área e o nível de ensino, graduação e pós-graduação, por outro lado, a ausência citada ocorre em outros contextos educacionais, como em cursos dos institutos federais de Ensino Médio, por exemplo, em disciplinas diferentes da de Língua Portuguesa. Este trabalho reflete sobre o desconhecimento dos aspectos que envolvem variação, mudança, crenças e atitudes linguísticas por parte da comunidade do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), do campus de São Gonçalo, onde foram observadas atitudes de desprezo por expressões que destoam da norma culta do português brasileiro. Atitudes desse tipo, às vezes, terminam até mesmo em agressão verbal.

Esse conflito, gerado por um desequilíbrio entre práticas de uso linguístico espontâneas e práticas moldadas por um discurso tradicional, mostra-se frequente no campus de São Gonçalo, cujos docentes e alunos ora sofrem, ora praticam atitudes discriminatórias em relação a comportamentos linguísticos. Quando a atitude é sofrida pelo aluno, o espaço institucional se torna adverso, levando-o, em determinados casos, ao abandono do curso por não se mostrar um lugar acolhedor, mas conflitante. Tal realidade, por causar graves problemas para a instituição, gerou discussões e esta pesquisa, cujo objetivo foi obter dados sobre crenças e atitudes linguísticas da comunidade docente do IFRJ, campus São Gonçalo, por meio de um questionário semifechado, a fim de elaborar, para a referida comunidade escolar, atividade de reflexão no que toca, sobretudo, à noção de discriminação linguística, também entendida como preconceito linguístico.

Trata-se de uma pesquisa que se baseia em pressupostos da Sociolinguística Variacionista, nos moldes labovianos (LABOV, 2008 [1972]), mas não desenvolve uma investigação nessa perspectiva, ou seja, não analisa determinado fenômeno variável a partir de levantamento de ocorrências, conforme se procede nas pesquisas sociolinguísticas variacionistas (cf. GUY; ZILLES, 2007). Apropriamo-nos de pressupostos básicos dessa abordagem, como a concepção heterogênea de língua, os conceitos de variação e mudança linguísticas relacionados ao princípio fundamental “de que existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (LABOV, 2008 [1972], p.176). Além desse referencial teórico, tomamos como apoio textos sobre crenças, atitudes linguísticas e comportamento social, dos quais se destacam Cyranka (2007) e Schneider (2008).

Partimos da hipótese de que são crenças e atitudes advindas tanto da experiência no meio

acadêmico quanto da experiência pessoal que levam a comportamentos linguísticos discriminatórios por parte de professores das disciplinas do IFRJ, de São Gonçalo. Aventou-se tal hipótese a partir da observação desse tipo de comportamento, sobretudo, em professores dos cursos da área de Ciências Exatas, o que motivou outra suposição: essa realidade deve-se à ausência, nesses cursos, de reflexões sobre variação e mudança linguísticas, além de sua relação com comportamentos sociais. Para testar as duas hipóteses, utilizamos dados advindos de um questionário de crenças e atitudes, inspirado em Lambert (1967) e Labov (2008 [1972]). A pesquisa articula resultados quantitativos com interpretação qualitativa para servir de base a atividades de conscientização direcionadas à comunidade educacional citada.

Este artigo organiza-se em quatro seções: a primeira situa o leitor quanto à variação, mudança, crenças e atitudes linguísticas. Embora se trate de princípios bastante conhecidos na área de Letras, não o são nas demais áreas. Como esperamos alcançar também leitores de outros cursos, consideramos importante oferecer-lhes um texto que facilite a compreensão do fenômeno discutido. A segunda descreve a metodologia; a terceira analisa os dados e a quarta reflete sobre as atividades criadas para a conscientização comportamental e linguística. A expectativa é que este artigo se torne leitura que possa propiciar transformação, pelo menos para professores que ainda desconhecem o impacto negativo de uma atitude linguística preconceituosa na vida das pessoas.

2 – VARIAÇÃO, MUDANÇA, CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

A expressão variação linguística designa um fenômeno fundamental para a compreensão do processo de transformação das línguas: alternância entre formas linguísticas, que ocorre quando dois ou mais de dois elementos se alternam, com um mesmo valor de verdade, em um mesmo contexto, ou seja, “dizem a mesma coisa”, segundo Tarallo (1985:8). As formas em alternância são denominadas variantes, que compõem uma variável linguística, as quais podem coexistir em um sistema linguístico em determinado período de tempo. Quando uma das variantes desaparece ou é substituída por outra ocorre o fenômeno da mudança linguística. Assim, uma língua só muda porque existe variação linguística, sendo, por isso, heterogênea. Esse processo, de acordo com o texto clássico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG (2006 [1968])), faz parte da dinâmica das línguas naturais, mas os autores também enfatizam que nem toda variação e heterogeneidade envolvem mudança. Duas ou mais de duas variantes podem alternar-se em um sistema sem que haja desaparecimento ou substituição de uma delas. Conclui-se, portanto, que toda mudança pressupõe variação, mas nem toda variação pressupõe mudança.

No português brasileiro (PB) atual, por exemplo, para a expressão da segunda pessoa do singular, que consiste em uma variável linguística, existem quatro variantes: a) tu, em (1); b) você, em (2); c) o senhor/ a senhora, em (3); d) Ø, apagamento do pronome, em (4) :

(01) Tu sabes/sabe dizer onde fica o ponto de ônibus?

- (02) Você sabe dizer onde fica o ponto de ônibus?
- (03) O/a senhor (a) sabe dizer onde fica o ponto de ônibus?
- (04) Ø Sabes/sabe dizer onde fica o ponto de ônibus?

Em relação a você, estudos sociolinguísticos (LOPES e DUARTE, 2002) já comprovaram que esse pronome se alternou com vossa mercê até mudar para a forma usada atualmente. As variantes podem ser influenciadas por fatores linguísticos e sociais. Aos primeiros estão relacionadas as características lexicais, semânticas, discursivas e fono-morfo-sintáticas de uma língua. Os sociais englobam, entre outros fatores, gênero, idade, escolarização e classe social do indivíduo. Entretanto, o reconhecimento da coexistência de determinadas variantes ou de uma mudança em progresso na língua não se dá tão facilmente. Há uma série de procedimentos metodológicos necessários para comprovar esse fenômeno (cf. GUY; ZILLES, 2007), dentre os quais se encontra o tratamento quantitativo e estatístico dos dados para a análise dos possíveis fatores capazes de influenciar o uso de uma variante. Como já explicitado, esta pesquisa não desenvolve tais procedimentos, mas baseia-se nos princípios básicos que os regem.

As variantes mostram-se conservadoras e inovadoras, coincidindo, quase sempre, com variantes de prestígio, as conservadoras, e com as estigmatizadas, as inovadoras. Quanto mais recente no sistema, mais rejeitada se revela uma determinada variante, justamente porque as inovações surgem com mais frequência na fala de grupos sociais de menor prestígio. Retomemos a forma você. Em relação ao tu e ao apagamento do pronome, a referida variante é inovadora, tendo sido durante muito tempo desconsiderada como pronome, inclusive pelas gramáticas normativas. No PB atual, você já não sofre mais rejeição.

Crenças e atitudes linguísticas relacionam-se a esses dois tipos de variantes, uma vez que os falantes associam seus valores sociais ao uso de uma ou outra forma. Tais valores podem atuar como símbolo de identificação da camada social onde se realizam, o que explica a rejeição, por exemplo, de determinadas variantes inovadoras por grupos sociais considerados de mais prestígio. Segundo Labov (2008[1972]), os falantes dos grupos de classe média baixa tendem a um sentimento de insegurança linguística, procurando, por isso, adotar formas utilizadas por grupos mais privilegiados socialmente. Revelam-se, assim, um esforço consciente de correção e atitudes negativas quanto à linguagem que herdaram.

Labov (2008 [1972]) deixa claro que os falantes têm consciência de atitudes que mantêm em relação à linguagem. Propõe, inclusive, testes formais para aferi-las, como, por exemplo, os de reação subjetiva em que o falante deve emitir juízos de valor acerca das falas de outras pessoas. Na verdade, ele inspirou-se em Lambert (1966), criador da técnica dos “falsos pares”, que consiste em expor falantes a frases da língua a fim de identificar suas crenças e atitudes quanto ao que ouvem. Trata-se de mensurar reações sociais reveladas por meio da linguagem, que se mostram organizadas e coerentes em relação a pessoas, grupos ou questões sociais (LAMBERT, 1966, p. 77). Esse autor atribui às atitudes três componentes: 1) cognitivo, refere-se às crenças do falante quanto a um objeto social; 2) afetivo, envolve as emoções do indivíduo e 3) conativo, relaciona-se ao seu

comportamento em relação a esse objeto. As atitudes são, portanto, demonstração de um processo avaliativo via linguagem.

Esse processo faz parte de um dos cinco problemas relacionados à mudança linguística: a avaliação (WEINREICH, LABOV e HERZOG (2006 [1968])). O falante não é passivo diante das variantes; antes, ele se coloca como avaliador das formas linguísticas à disposição no sistema, podendo optar pela qual se identifique e rejeitar a outra. Atua, assim, segundo Paiva e Duarte (2006), na aceleração ou retenção de processos de mudanças, cujas formas em competição são perceptíveis, ou seja, estão no nível de consciência do falante. Essas autoras citam como exemplo de variável, em que uma variante é rejeitada, a realização do objeto direto anafórico no PB. Pela perspectiva da gramática tradicional, somente ao pronome pessoal oblíquo átono *o* (e flexões) com suas variantes morfofonológicas (*lo*, *no*) caberia a retomada de um referente textual na função de objeto direto. Esse elemento, conhecido na literatura científica como clítico acusativo, constitui a forma tomada como modelo pela tradição escolar, que rejeita outras realizações pronominais, como *ele* (e flexões), e não reconhece outras estratégias descritas pelos trabalhos linguísticos sobre o PB para representação do complemento acusativo, como o sintagma nominal (SN) anafórico e o objeto nulo.

O modelo da tradição escolar subjaz quase sempre às crenças e atitudes avaliativas de uma comunidade de fala. Como essa tradição se baseia na modalidade escrita da língua, sobretudo do domínio literário, é natural que ocorra uma distância entre a avaliação e as variantes usadas espontaneamente. Quanto mais distantes da escrita, mais as formas recebem avaliação negativa por parte do falante. A escola consiste, nesse sentido, no espaço, por excelência, da jurisdição avaliativa, já que lhe cabe o papel de ensinar as estratégias da escrita. Assim quem as domina, ainda que parcialmente, acredita que pode julgar um comportamento linguístico diferente do seu. De certa maneira, os conflitos vividos por alunos e professores do IFRJ, campus São Gonçalo, fundam-se nesse contexto. As crenças advêm de um modelo idealizado secular, gerando atitudes discriminatórias também idealizadas e enraizadas na sociedade brasileira.

Testes de crenças e atitudes têm sido aplicados em instituições de ensino para servirem de objeto de teses e dissertações. Destacamos os trabalhos de Cyranka (2007) e Schneider (2008). O primeiro usou a metodologia de Lambert para investigar o julgamento de alunos do ensino fundamental de cinco escolas públicas e uma particular, de áreas dispostas no contínuo rural-urbano. O resultado revelou comportamentos inesperados, já que mostrou uma avaliação negativa dos alunos da zona rural quanto à variedade culta do português, o que para a pesquisadora traz consequências pedagógicas importantes. Se, por um lado, os estudantes avaliam negativamente a variedade que a escola deve lhes ensinar, por outro, revelam-se suas referências culturais e linguísticas, instaurando-se conflitos que os professores devem mediar. O conhecimento das crenças e atitudes dos alunos torna-se assim um aliado para os educadores, que poderiam atuar de maneira mais precisa no processo de ensino-aprendizagem não só na disciplina de Língua Portuguesa, mas em todas as disciplinas. Infelizmente, a julgar pelos resultados obtidos nesta pesquisa, deduz-se que a preocupação com a linguagem recai sobre o professor de Português. Os demais preocupam-se em

emitir juízos de valor quase sempre negativos.

O segundo trabalho, o de Schneider (2007), apropria-se também do uso de testes de crenças e atitudes para investigar o comportamento linguístico de professores em comunidades bilingues alemão-português do Rio Grande do Sul. Esse contexto difere do verificado em Cyranka (2007), em que estão em jogo conflitos no âmbito do português. As relações de poder geram os comportamentos linguísticos preconceituosos a partir de valores sociais construídos sob a relação entre um registro considerado de prestígio e outro menos prestigioso socialmente. Nos contextos de ensino bilingue, os conflitos redimensionam-se, porque, além da diversidade linguística inerente ao português, afloram identidades linguísticas e culturais do aluno estrangeiro. Os testes propostos por Schneider também objetivam conhecer e reconhecer crenças e atitudes dos sujeitos envolvidos nessa complexa dinâmica a fim de propiciar recursos para uma pedagogia que respeite as línguas e as culturas em contato. Inspirados nesses trabalhos, esta pesquisa propõe um teste, por meio de um questionário eletrônico, de crenças e atitudes para propiciar atividades pedagógicas de conscientização linguístico-social a fim de minimizar conflitos no IFRJ, campus São Gonçalo.

A fim de usarmos uma linguagem mais conhecida dos entrevistados, no referido questionário, foram utilizadas, nas perguntas, expressões que revelam essas crenças, tais como “erro de português” e “não saber português”. Tomamos como “erro de português” o que, prosaicamente, considera-se desvio do português mais correto. Assim, esse suposto erro corresponderia, na oralidade, a variantes estigmatizadas, ou seja, as que recebem valor social negativo. Como exemplo, citam-se (5) e (6) como estruturas rejeitadas por professores e alunos do referido instituto.

(5) A gente esquecemos de pegar o livro.

(6) Hoje tem menas gente na sala.

Em (5), ocorre a forma pronominal a gente, de primeira pessoa do plural, combinada com o verbo com a desinência –mos de primeira pessoa do plural. Trata-se de uma combinação que ainda sofre rejeição em contextos sociais tidos como mais prestigiosos. Em (6), o advérbio menos é sentido como adjetivo, flexionando-se para concordar com a gente. Essa concordância também sofre estigma. O curioso é que não se ouve qualquer comentário valorativo em relação a ter existencial, que ainda recebe valor negativo se formos levar em conta a prescrição normativa. Quanto à escrita, consideramos também como “erros”, além dessas estruturas, desvios do padrão ortográfico da língua portuguesa.

3 – PERCURSO METODOLÓGICO

Inspirados nos testes de crenças e atitudes de Lambert (1967) e Labov (2008[1972]), preparamos um questionário com seis perguntas para professores do Curso Técnico em Química, integrado ao Ensino Médio, do IFRJ, e do Curso Técnico em Segurança do Trabalho (concomitante/subsequente), campus São Gonçalo. Participaram da pesquisa 36 professores, com faixa etária dos 30 aos 50 anos, todos com pós-graduação stricto sensu (mestrado e/ou doutorado), sendo 24

mulheres e 12 homens, de diferentes áreas do conhecimento: 21 das Áreas de Ciências Exatas, da Terra e Engenharias ; 5 de Ciências Biológicas e da Saúde; 5 de Ciências humanas e Ciências Sociais Aplicadas e 5 de Linguística, Letras e Artes. De Linguística, Letras e Artes só participaram os professores de Artes e Educação Física. Não incluímos os de Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras e de Literaturas por entendermos que suas respostas enviesariam os resultados, uma vez que, nos Cursos de Letras, variação e mudança linguística fazem parte da grade curricular. Os participantes não foram identificados por disciplina, mas por área, para evitar qualquer identificação do professor, já que há disciplinas que contam com um docente somente.

Para a realização da pesquisa, os docentes foram convidados a responderem a um questionário digital. Antes de responderem, assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido e foram informados sobre o sigilo para as respostas fornecidas. Evitou-se qualquer interação entre participantes e os pesquisadores. O teste foi organizado a partir de seis perguntas, relacionadas a conhecimentos sobre variação e comportamento linguístico: 1) Você sabe o que é variação linguística? 2) Você sabe o que é preconceito linguístico? 3) Você concorda que pessoas sem ou com pouca instrução escolar não sabem português? 4) Você confiaria em um profissional graduado e até pós-graduado que comete os chamados “erros de português”? 5) Como você costuma agir quando um aluno comete tais “erros” (na escrita e na fala)? 6) Você costuma interromper as pessoas para corrigir como elas falam? Os dados obtidos serão apresentados quantitativamente por meio de gráficos e, em seguida, interpretados. De posse dos resultados, foi criada uma atividade de conscientização para os professores do referido instituto com o objetivo de levá-los a refletir sobre comportamentos linguísticos preconceituosos que podem afastar o aluno da escola.

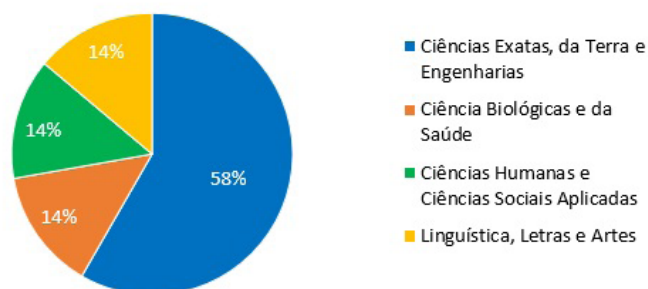
4 – RESULTADOS

Antes de refletirmos sobre as respostas às seis perguntas, descreveremos o resultado geral para as áreas de conhecimento.

Gráfico 1: Área de atuação do entrevistado

Área de atuação do entrevistado:

36 respostas



Por se tratar de um Instituto Técnico, é esperado que haja mais professores da área de Ciências Exatas, da Terra e Engenharias, o que poderia ser compreendido como uma justificativa para que os conflitos linguísticos ocorressem com mais frequência com os docentes dessa área. No decorrer da pesquisa, entretanto, identificamos que alguns deles, de disciplinas de formação profissional, mais especificamente de Química, não têm licenciatura, apenas o bacharelado, tendo em vista que os editais de contratação para a atuação nessa disciplina não exigiam, à época, a formação docente. No entanto, não foi quantificado o número de participantes sem licenciatura, por não fazer parte do projeto original. Esse dado só foi observado durante a discussão dos resultados. O curso de licenciatura, por possibilitar um contato maior com as disciplinas de formação humana, já que compõem o currículo da Educação, possivelmente dirimiriam as crenças e os comportamentos em torno da língua portuguesa identificados na pesquisa.

Quando elaboramos as duas primeiras perguntas do questionário (Você sabe o que é variação linguística? e Você sabe o que é preconceito linguístico?) o propósito era verificar se os professores das diferentes áreas tinham ou não conhecimento acerca de fenômenos linguísticos variáveis, considerando o fato de que os livros didáticos de Língua Portuguesa para o ensino básico, há alguns anos, tratam do fenômeno da variação. A hipótese aventada para essas perguntas é que uma resposta positiva para a primeira indicaria um possível estudo sobre variação linguística que o docente fez em algum momento na formação básica ou, possivelmente, nos cursos fora da área de Letras. Preconceito linguístico recebe carga semântica menos técnica, e, por isso, supúnhamos que as respostas fossem positivas. Os resultados aparecem no Gráfico 2 e no Gráfico 3:

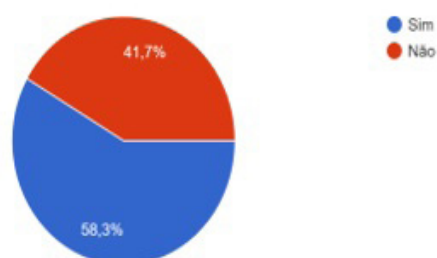
Gráfico 2: Percentual obtido para a pergunta Você sabe o que é variação linguística?



Gráfico 3: Percentual obtido para a pergunta Você sabe o que é preconceito linguístico?

3- Você sabe o que é preconceito linguístico?

36 respostas



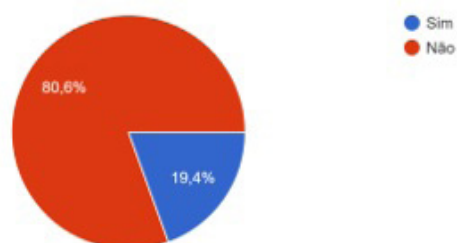
Comparando os dois gráficos, observa-se que os participantes apresentaram mais conhecimento sobre preconceito linguístico. Quase 60% responderam SIM, confirmando, em parte, a hipótese aventada para essas perguntas. Foi-lhes solicitado que apresentassem exemplos linguísticos que revelassem variação e preconceito linguístico. Tanto para a primeira pergunta quanto para a segunda, apenas em 18 respostas verificamos os exemplos solicitados, que, curiosamente, consistiam em variantes estigmatizadas (como ocorre em “pobrema”, “a gente vamos”, “dois real”) o que sugere uma sobreposição dos conhecimentos. A julgar pelas formas apresentadas, parece que os participantes nem sempre diferenciam variação de preconceito linguístico, o que indica uma provável causa para os conflitos, pois quando os aspectos linguísticos chegam ao nível de consciência do indivíduo, ele pode rejeitá-los ou aceitá-los a partir do seu aprendizado sobre os usos linguísticos. Em função disso, este artigo chama a atenção para a importância de reflexões de base científica sobre variação linguística em cursos fora da área de Letras.

A hipótese para a pergunta Você concorda que pessoas sem ou com pouca instrução escolar não sabem português? consiste em: algumas atitudes preconceituosas por parte dos docentes teriam subjacente a crença de que quem não tem acesso à linguagem moldada pela escola não sabe português. O alto percentual, exibido no Gráfico 4, entretanto, obtido para a resposta negativa chamou a atenção. Os professores, de maneira, geral, apesar de demonstrarem atitudes discriminatórias, dissociam o conhecimento natural da língua do conhecimento linguístico aprendido na escola. Trata-se de um resultado satisfatório, mas ainda preocupante por conta dos quase 20% de respostas positivas.

Gráfico 4: Percentual obtido para a pergunta Você concorda que pessoas sem ou com pouca instrução escolar não sabem português?

4- Você concorda que pessoas sem ou com pouca instrução escolar não sabem português?

36 respostas

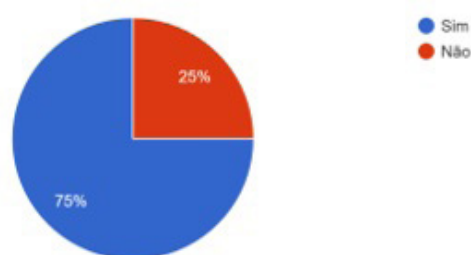


Os resultados exibidos no Gráfico 5 para a pergunta 'Você confiaria em um profissional graduado ou pós-graduado que comete os chamados "erros de português"?' também chamam a atenção. Hipotetizamos que haveria um percentual alto de respostas negativas por conta da rejeição dos professores a variantes estigmatizadas socialmente, mas obtivemos 75% de respostas positivas, o que revela, curiosamente, a dissociação entre comportamento linguístico e atuação profissional.

Gráfico 5: Percentual obtido para a pergunta Você confiaria em um profissional graduado e até pós-graduado que comete os chamados "erros de português"?

5- Você confiaria em um profissional graduado e até pós-graduado que comete os chamados "erros de português"?

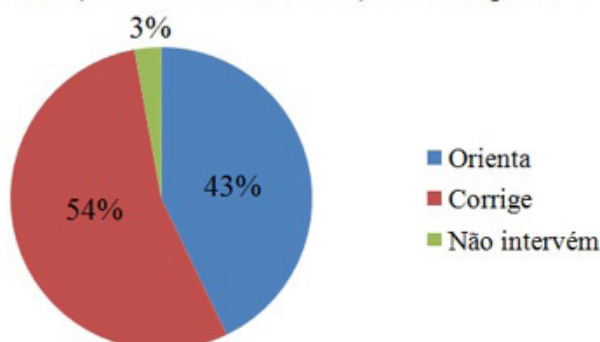
36 respostas



A pergunta 'Como você costuma agir quando um aluno comete tais erros (na fala e/ou na escrita)?' foi motivada pela hipótese de que o comportamento social dos professores de rejeitarem as variantes estigmatizadas os leva a corrigir a fala e a escrita de seus alunos por atribuírem à sua função de docente um papel autoritário de julgador. Propusemos três opções: corrige, orienta e não intervém, em que esse julgamento se reflete em corrigir. Os resultados confirmam a referida hipótese, pois o percentual de 54%, exibido no Gráfico 6, para corrigir demonstra-se significativo.

Gráfico 6: Percentual obtido para a pergunta Como você costuma agir quando um aluno comete tais erros (na fala e/ou na escrita)?

6- Como você costuma agir quando um aluno comete tais erros (na fala e/ou na escrita)? - 35 respostas

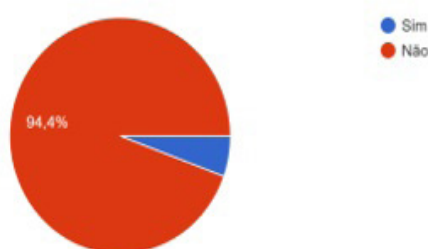


Os resultados para a última pergunta Você costuma interromper as pessoas para corrigir como elas falam? partiu da hipótese de que provavelmente as atitudes discriminatórias em relação ao comportamento linguístico no ambiente escolar se estendessem para fora desse espaço, mas essa dedução não se confirmou dado o alto percentual de respostas negativas, conforme se verifica no Gráfico 7. A interpretação desse resultado inesperado é que, talvez, os professores, fora da escola, sintam-se livres desse papel de julgador que historicamente lhe é atribuído.

Gráfico 7: Percentual obtido para a pergunta Você costuma interromper as pessoas para corrigir como elas falam?

7- Você costuma interromper as pessoas para corrigir como elas falam?

36 respostas



5 – ATIVIDADE DE CONSCIENTIZAÇÃO

Após a coleta dos dados, realizou-se uma atividade direcionada a todos os professores do campus São Gonçalo. Trata-se de uma exposição, em cartazes, de quinze frases, normalmente expressas por pessoas, no cotidiano, que têm relação com a noção de preconceito linguístico e que permitem avaliar a falta de conhecimento sobre o fenômeno da variação linguística. Além disso,

revelam crenças que levam a atitudes de poder e discriminação desmotivadoras. Nas perguntas fechadas, aquelas que cabiam responder “sim” ou “não”, havia, logo abaixo, um quadro para que o participante pudesse registrar suas observações, caso sentisse alguma necessidade. Nesses espaços, notamos que os participantes registraram, a partir das suas experiências cotidianas, expressões, frases, palavras que justificavam o porquê de terem respondido “sim” ou “não”. Esses exemplos inspiraram algumas frases que apresentaremos a seguir. Outras frases foram inspiradas em algumas perguntas feitas aos participantes, como “pessoas sem instrução na sabem falar, que dirá escrever”. Sejam as frases:

1. “Tem muita gente que precisa ler um livro de gramática para aprender português.”
2. “Meu ouvido dói só de ouvir alguém falando errado.”
3. “Quando me dizem ‘a gente vamos’, desisto até de ir.”
4. “Se for me chamar para andar de ‘bicicreta’, é melhor nem chamar.”
5. “Então você estuda inglês? Mas o português vai aprender quando?”
6. “Pobrema? Problema é não saber português!”
7. “Sou muito bem em português, já que sei tudo de gramática.”
8. “Certos alunos parecem ter faltado às aulas de português.”
9. “Brasileiro não sabe português. Só os portugueses.”
10. “Tínhamos tudo para dar certo, mas você escreve ‘concerteza’”.
11. “Mim fazer? não existe. Para de falar que nem índio!”
12. “Pessoas sem instrução não sabem falar, que dirá escrever.”
13. “Quando ouço a pessoa falando ‘ocê’, já sei que veio da roça.”
14. “Essa criatura não sabe nem diferenciar ‘mas’ de ‘mais’.”
15. “Não suporto quem fala errado. Me sinto obrigado(a) a corrigir.”

As frases, distribuídas ao longo de um corredor que termina na sala dos professores, deveriam ser lidas por eles. Ao final, encontravam dois cartazes que encerravam a exposição. Em um deles, os docentes deveriam fazer a contagem do número de frases com as quais estavam de acordo, para identificar, a partir de um quadro construído pelos pesquisadores, o seu “nível de preconceito linguístico”. Esse nível, medido por um suposto percentual, não foi baseado em qualquer evidência científica; foi uma sugestão, lúdica e criativa, com o intuito, exclusivamente, de chamar a atenção de quem passava pelo corredor. Obviamente, trata-se de uma dinâmica criada para proporcionar a reflexão sobre o assunto. No mesmo cartaz, havia uma definição sobre preconceito linguístico e outra sobre variação linguística. O segundo cartaz apresentou gráficos com os resultados do questionário aplicado aos professores, tendo, ao fim, uma lista de sugestões bibliográficas para aprofundamento do tema. Os pesquisadores, após estudar todos os métodos possíveis para conduzi-los à reflexão sobre os temas em questão, encontraram, nessa atividade, a melhor forma de atingir esse objetivo. Muitos professores, de forma espontânea, procuraram-nos para buscar mais informações sobre os assuntos suscitados, fato que colaborou para avaliarmos como positivo o desenvolvimento da pesquisa. Seguem as imagens dos cartazes com as frases.

Figura 1: Cartazes expostos no corredor que leva à sala dos professores do IFRJ, campus São Gonçalo.

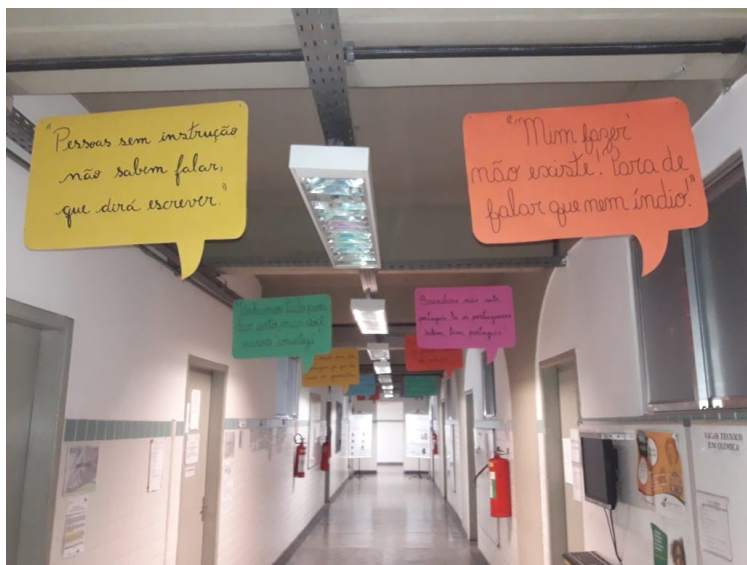
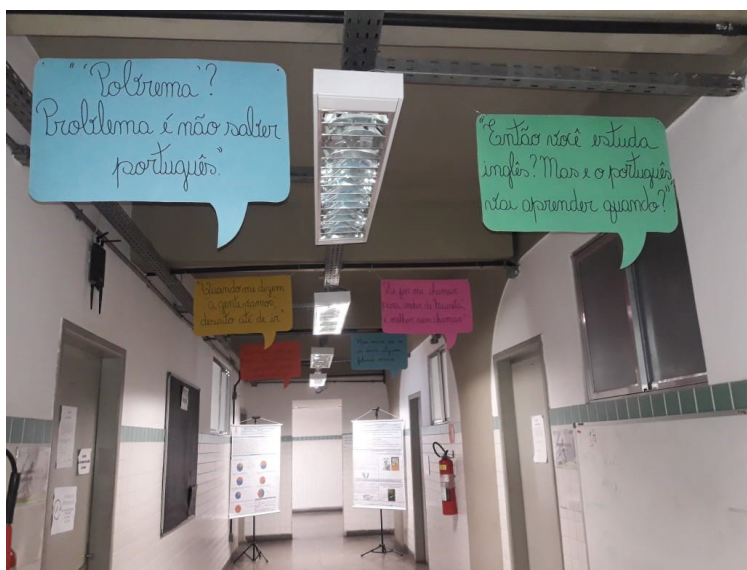


Figura 2: Cartazes expostos no corredor que leva à sala dos professores do IFRJ, campus São Gonçalo



6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida com professores de fora da área de Letras, porque deduzimos que o desconhecimento dos aspectos sobre variação linguística poderia ser a causa de atitudes discriminatórias por parte de alguns docentes. Os resultados confirmaram, em parte, essa dedução, pois mostraram que a atitude preferencial dos participantes na escola é a “correção” (54%) em lugar da “orientação” (43%). Esse comportamento também revela a apropriação do papel de julgadores da fala e escrita dos alunos apenas no espaço escolar. De qualquer forma, mesmo tendo sido revelada essa consciência, o fato de no IFRJ presenciarmos atitudes linguísticas preconceituosas é preocupante. Este artigo chama a atenção para a necessidade de os professores de áreas distintas da

de Letras receberem informações científicas sobre variação linguística a fim de minimizar o efeito de atitudes discriminatórias que podem levar à evasão escolar.

Dada a importância desta pesquisa para as relações humanas no IFRJ, pretendemos estendê-la a outros institutos. Trata-se de uma tentativa de conhecer e entender o perfil dos professores que atuam com alunos do Ensino Médio para conscientizá-los de que, embora a escola seja o lugar, por excelência, do ensino e aprendizagem das variantes de prestígio, faz-se necessário aprender estratégias para ensiná-las sem discriminar as formas estigmatizadas. As atitudes preconceituosas de alguns professores são consequência de crenças enraizadas na sociedade brasileira, sendo muito difícil, por isso, a conscientização de que o papel do docente passa, também, pela compreensão do comportamento do aluno para facilitar-lhe sua permanência na escola. Nesse sentido, reiteramos a necessidade de reflexões mais científicas sobre variação linguística em cursos fora da área de Letras, já que não faz mais sentido o desconhecimento de professores a respeito dos diversos tipos de preconceito, em especial, o preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO S. M. *Educação em Língua Materna: Sociolingüística na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CYRANKA, L. F. de M. *Atitudes lingüísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – MG 2007*. 174 f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos). – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. Trad. M. Bagno; M. M. Scherre; C. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LAMBERT, W. A social psychology of bilingualism. *Journal of social issues, Wiley Online Library*, v. 23, n. 2, p. 91–109, 1967.

LOPES, C.; DUARTE, M. E. L. (2002) “De ‘Vossa Mercê’ a ‘você’: a pronominalização de nominais nos séculos XVIII e XIX”. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DA ANPOL - *Boletim Informativo 31 da ANPOLL - A pós-graduação em Letras e Lingüística no Brasil: Memórias e Projeções*. Gramado: UFRS.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na Sociolingüística brasileira. In: WEINREICH, U; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SCHNEIDER, Maria N. *Atitudes e concepções lingüísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul*. 2007. 286 f. Tese (Doutorado em Letras)

- Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática. 1997.

TAVEIRA DOS SANTOS, M. C. *Expressão da segunda pessoa do singular por meio de um contínuo do oral para o escrito no 6º ano do ensino fundamental*. 2020. 100p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras e Comunicação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Adriano Oliveira Santos

Pós-doutorado em Letras (UERJ). Doutor em Estudos Linguagem (UFF). Mestre em Letras (UFF). Graduado em Letras (Português/Espanhol) pela Fundação Educacional Unificada Campograndense (2006). Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, IFRJ. Líder do GETeDE (Grupo de Estudos de Texto, Discurso e Ensino), Membro da Associação de Professores de Português para Estrangeiros do Estado do Rio de Janeiro (APLE-RJ).

Angela Marina Bravin dos Santos

Possui graduação em Letras Vernáculas (UFRJ), mestrado em Letras (Letras Vernáculas (UFRJ) e doutorado em Letras Vernáculas (UFRJ). Atualmente é professor associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de língua portuguesa, sujeito pronominal, fala carioca, leitura extratextual, letramento escolar, letramento literário, variação linguística, ensino e aprendizagem de português língua estrangeira. É coordenadora-bolsista, na UFRRJ, do projeto de Língua Portuguesa do Programa Residência Pedagógica.

Recebido em 20/02/2021.

Aceito em 10/04/2021.